

Volta Redonda vai às urnas em ambiente tranqüilo

Barra Mansa, RJ — Tasso Marcelo

VOLTA REDONDA, RJ — Esta cidade viveu um dia tranqüilo como poucos em sua tumultuada história de 35 anos. Sete dias depois de ir às ruas marcar com grandes manifestações o primeiro aniversário da invasão da CSN por tropas do Exército, que resultaram na morte de três operários, a cidade carregou para as urnas 147 mil eleitores motivados a cicatrizar, pelo exercício da democracia, um dos mais violentos episódios da Nova República.

As ruas desertas, as pequenas filas nos postos de votação e a discreta boca-de-urna em nada lembravam a agitação das duas greves ocorridas na CSN, ou mesmo de eleições passadas. Os comentários e os materiais de campanha ainda afixados em camisas, em carros e em casas deixavam a impressão de que a disputa nessa cidade do Sul fluminense não embolou na reta final, como indicavam as pesquisas de opinião em todo o país: Lula e Brizola eram longe os nomes mais em evidência, como se a eleição se desse no antigo regime de bipartidarismo.

O tom calmo e conciliatório foi dado também pelo bispo dom Waldyr Calheiros. Uma das figuras de maior projeção de Volta Redonda, por seu polêmico envolvimento em todas as lutas trabalhistas e populares da cidade, e tido como incentivador do PT, declarou que tanto podia ter dado seu voto a Lula, a Brizola ou a Mário Covas. "Muita gente disse que ia votar na esquerda para ir à forra da invasão da CSN", detectou Adriana Freitas Monteiro, de 23 anos, irmã de Walmir Monteiro, um dos três operários mortos no confronto. Para ela, os candidatos identificados com a direi-

ta, como Collor de Mello, não têm a simpatia do operariado, que vê neles a continuidade do governo que patrocinou a tragédia.

Walmir, por sinal, iria completar ontem, se estivesse vivo, 29 anos. Adriana e Hermano Freitas Monteiro, de 23 e 19 anos, irmãos de Walmir, acham que o incidente levou muita gente a optar pelos candidatos identificados com os trabalhadores, rejeitando a direita. A própria família se dividiu entre Lula e Brizola. Adriana, mãe de duas crianças, admite que a vitória de um candidato de esquerda pode incentivar novas greves, mas acredita que impedirá a repetição da tragédia do ano passado: "Temos que ter alguém que aceite as reivindicações dos operários, que não são tantas." Ela quer que o governo "acabe com a corrupção, com o jeitinho brasileiro, com a falta de vergonha dos políticos que vão à televisão e prometem tudo". Como a irmã, Hermano votou em Lula, com quem se identificou assistindo ao programa eleitoral na televisão.

Há pouco mais de um ano em Volta Redonda, Iracema Ferreira de Abreu, de 48 anos, dona-de-casa, e Divino José de Abreu, 62 anos, aposentado, assustaram-se com a agitação da cidade. Eles vieram "da roça", em Divino (MG), onde sempre moraram, e acompanharam o conflito na invasão da CSN, além das greves que pipocaram em todos os setores da cidade. E não ficaram imunes: gostaram de votar em Lula. No entanto, por causa do trabalho dos filhos, tiveram que enfrentar fila de cerca de 300 pessoas para justificar o voto no posto dos Correios, no centro da cidade.



Adilson, ferido na invasão da CSN, desobedeceu ao médico e foi dar seu voto a Brizola para 'descontar'